

## O FIO DO CABELO (E DA MEADA)

### Imagens do Cotidiano

No trabalho de Elida Tessler sempre tiveram primazia as imagens do cotidiano, as imagens dos afetos do cotidiano: retratos de pessoas próximas, " a cozinha de Teresa" ... Ao mesmo tempo, a capacidade de reflexão, de altos vãos teóricos. Uma coisa como complemento da outra. A arte como a afirmação das raízes, da terra, do chão. No início, havia a necessidade de fotografar o motivo do desenho a posteriori:

não para copiá-lo, mas para comprovar a si mesma a fidelidade ao modelo. Necessidade de apego ao real, simultânea às leituras filosóficas e à poesia...

O cotidiano: Elida sempre manteve uma atitude de deslumbramento, de descoberta do mundo. É o que lhe permite ver as imagens do cotidiano com novos olhos, descobrir nos objetos mais anódinos a força da forma, da textura, da combinação de elementos. Relacionamento topográfico, tátil, com o espaço e com os objetos.

Um fogão, um rádio, um guarda-chuva, uma pia, uma escova de cabelos...

As imagens começaram com um contexto mais narrativo, uma "cena" ou um "cenário". Depois foram se despojando, os objetos passando a valer por si próprios. Objetos-retratos, como os retratos de pessoas. Sapatos que contam uma história, semelhantes aos que pintou Van Gogh. Forma e afeto.

O cotidiano , o espaço dos afetos.

### Gesto e (não) Cor

Com o tempo, aumento da importância da gestualidade, do descompromisso com o modelo no sentido de uma "fidelidade" ao real. Objetos ou retratos, pouco importa: a figura humana comparece ao mesmo título que qualquer objeto. Um motivo a mais; em tudo semelhante aos demais. O que importa, cada vez mais, é o gesto e a cor.

O papel da cor: cada vez mais intensa e tendendo à monocromia: um espaço invadido pelo verde, ou pelo vermelho. Um espaço verde, um espaço vermelho.

A saturação (formal e psicológica) da cor e pela cor, levou a um questionamento: "de repente, me perguntei como ficaria aquela mesma imagem sem a cor, se sobraria algo, se ela se sustentaria... E resolvi experimentar o gesto só em preto e branco." \* Da saturação da cor, não-cor.

### Escovas

"Examinando minha escova de cabelos, fiquei- fascinada pelo movimento das cerdas..." O impulso ainda , é o mesmo: a procura do objeto próximo, cotidiano, anônimo. Mas o olhar mudou, progressivamente: o que interessa agora , é o movimento das linhas e das massas. O foco deslocou-se de um referencial predominantemente afetivo, para outro, basicamente formal. E a fase de transição à não-cor. Escovas, escovas e escovas. O objeto olhado, estudado, manuseado. O gesto que vai se soltando progressivamente. A forma que vai acompanhando a crescente liberdade. Necessidade de "entrar dentro da escova, semelhante a um fio de cabelo... - \*

Pronto, o grande passo foi dado: do estudo do objeto ao mergulho em seu interior; da documentação de sua forma externa ao registro de suas potencialidades propriamente formais.

A escova descabelada, desmontada, destruída - e o desenho, pelo contrário, cada vez mais livre e forte. O prazer de confeccionar o material, o prazer de mergulhar no objeto, implodi-lo; o prazer do fazer, do gesto, da sensualidade dos materiais (pastel preto, grafite e, em alguns trabalhos, purpurina prata). ..

### Portas

"Procuo imaginar o quadro como uma porta, pensando: se eu abrir esta porta, o que haverá do outro lado?-\*

Porta: nesta conotação, o oposto da "janela" renascentista. A janela aberta era a demonstração do mundo visível, a porta que se abre é a descoberta/criação de mundos. Abrir a janela , olhar de dentro para fora; abrir a porta , sair para fora, descobrir, lançar-se no mundo. Ou sair para dentro? Em que mundos nos lançamos com a arte?

A escova transformada em selva, em mundo - tal como a perceberia, hipoteticamente, o fio de cabelo... Da valorização inicial dos objetos pela pintura, ao objeto como pretexto para a pintura.

### Frestas

Nos últimos trabalhos, estreitos, horizontais ou verticais, a idéia de fresta. Na fresta/tela horizontal, mudança do gesto, que passa a lembrar a escrita. Ideogramas."

Aqui, lá, onde se encontram esses trapos mais escuros, imagino escritos soltos..."\*

A magia da palavra, da escrita a ser decifrada. Decifrar: descobrir outro mundo, com sua história, com sua estória. Decifrar assemelha-se a espiar.

Espiar. Espiar pela fresta da porta. A ,escova já ficou para trás; restou a selva/escrita/mundo e o jogo de sentir medo de sair para fora... Artista e espectadores como voyeurs dos signos, palavras, imagens. A arte, sempre envolve o olhar, alguma forma de olhar - aqui, esta função é apenas mais explícita.

\* Entrevista de Elida Tessler à autora, maio/ 1988  
Icleia Maria Borsa Cattani - 1988